O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 10 · nº 2186
Julho/2016
BOQUEIRÃO
P1+2
Programa Uma Terra e Duas Águas
Paraíba

A herança: amor e vida no campo!

"Minha paixão é pelas aves, vivo para elas. Em especial, os perus que são lembranças de minha mãe", Maria Gomes de Oliveira (62), resume nessas palavras, o significado maior da preservação das sementes crioulas de animais. Dona Nenê, como é chamada, e a sua irmã Maria Gomes de Oliveira (63), conhecida como Dona Preta, fazem parte de uma família de sete irmãos. Elas cresceram na cidade de Campina Grande – PB, mas sempre passavam os finais de semana no sítio da família.

Em 1986, seus pais compraram pela 1ª vez uma terra na comunidade Tatu, localizada no município de Boqueirão, no Cariri paraibano. Lá, sua mãe Valdeci reencontrou a sua região de origem e, com coragem, dedicação e sabedoria, iniciou sua experiência de viver da agricultura, sua grande paixão.

No ano de 2005, Dona Valdeci faleceu. Para Dona Nenê, Dona Preta e Dona Marileide, mais uma irmã que vem trabalhar no sítio nos finais de semana, além da herança dos animais ficou o dom de trabalhar e o amor pela vida no campo. Elas deram continuidade ao trabalho da mãe, plantando e criando.

E como dito anteriormente, a dedicação maior é para as aves: patos, gansos, galinhas, perus e guinés. Dona Nenê tem aquela habilidade de saber o que as aves estão sentindo e é capaz de conversar com elas. Além disso, ela cultiva ervas medicinais e tem muito conhecimento acerca de tratamentos veterinários fitoterápicos.

Com o apoio de Dona Preta, nos trabalhos domésticos, e Dona Marileide no campo. Dona Nenê nutre a esperança de que seu filho, Emanuel (26), formado em Comunicação Social na Universidade Estadual da Paraíba, também possa, algum dia, se interessar pela agricultura.

Nessa família, a criação é tradição e identidade. “Uma de nossas tradições é servir pato como prato principal na ceia do Natal, acompanhado das outras aves como galinha e peru”. Afirma, Dona Nenê, exibindo as criações, herança dos tempos de sua mãe, que após 15 anos, é uma das principais sementes da paixão da família.

Além das criações de aves e caprinos, elas também possuem uma pequena horta, de onde são colhidos alimentos principalmente para o consumo próprio, como alface, feijão, maracujá, mamão, jerimum, pimentão, berinjela, maxixe, quiabo, melancia, cebolinha, couve, tomate e mamão. O excedente é comercializado na Tenda Agroecológica do Cariri, para onde leva também os produtos da criação, como ovos e leite de cabra.

No ano de 2013, Dona Nenê conheceu o Coletivo ASA Cariri Oriental – CASACO, e passou a participar das reuniões, cursos, programas, visitas de intercâmbio e outros eventos promovidos pela entidade. Essas atividades lhe permitiram conhecer o movimento pela agricultura familiar de base agroecológica para a convivência com o Semiárido. E graças à

chegada da cisterna de 16 mil litros pelo Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), as Marias não precisam mais buscar água da cacimba para beber. Mas para Dona Nenê, a principal mudança veio em 2014, com a cisterna-enxurrada de 52 mil litros do P1+2, para a produção de alimentos para consumo da família.

Dona Nenê não para. Ela está sempre em busca de novas conquistas. Considera que as diversas tecnologias para captação de água na sua propriedade, apesar de importantes, ainda são insuficientes para os seus sonhos. Ela espera, um dia, construir tanques para reaproveitar a água da casa e para a criação de peixes. E também está na busca por formas de obter um solo mais produtivo.

Hoje, Dona Nenê é reconhecida como Agricultora Experimentadora, e é participante assídua do Grupo de Mulheres do CASACO. Ela diz que é uma grande alegria e valoriza todo o aprendizado que vem adquirindo e construindo junto ao grupo de mulheres e nas demais dinâmicas que favorecem a agricultura familiar livre de agrotóxicos, sementes transgênicas e adubos químicos. Ela deseja que todos e todas tenham melhores condições para viver no Semiárido, aprendendo a cuidar melhor da terra e, assim, colhendo uma maior qualidade de vida. Além disso, ela acredita que com todas essas experiências e conhecimentos adquiridos ao longo desses anos, houve uma grande valorização dos agricultores familiares e isso mostra que todos somos iguais.